

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

PENAFORTE RUCHINSQUE NETO

FORMAÇÃO CULTURAL DE PROFESSORES:
O PROBLEMA DA FORMAÇÃO PRÉVIA E O DESAFIO DA RESSIGNIFICAÇÃO DA
CULTURA

Goiânia
2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): Penaforte Ruchinsque Neto

Título do trabalho: Formação cultural de professores: o problema da formação prévia e o desafio da ressignificação da cultura

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [X] SIM [] NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **PENAFORTE RUCHINSQUE NETO, Discente**, em 19/07/2021, às 02:24, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Márcio Penna Corte Real, Professor do Magistério Superior**, em 19/07/2021, às 09:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_e informando o código verificador **2216734** e o código CRC **EEAC132C**.

PENAFORTE RUCHINSQUE NETO

**FORMAÇÃO CULTURAL DE PROFESSORES:
O PROBLEMA DA FORMAÇÃO PRÉVIA E O DESAFIO DA RESSIGNIFICAÇÃO DA
CULTURA**

Trabalho de conclusão de curso, apresentado à Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, como requisito para a obtenção de licenciatura em pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Penna Corte Real

Goiânia
2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Neto, Penaforte Ruchinsque
FORMAÇÃO CULTURAL DE PROFESSORES [manuscrito] : o problema da formação prévia e o desafio da ressignificação da cultura / Penaforte Ruchinsque Neto. - 2021.
XXVIII, 28 f.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Penna Corte Real.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação (FE), Pedagogia, Goiânia, 2021.
Bibliografia.

1. Cultura. 2. Formação cultural. 3. Formação inicial. 4. Pedagogia. 5. Ressignificar. I. Real, Márcio Penna Corte, orient. II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ao(s)) 09 dia(s) do mês de junho do ano de 2021, iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “Formação cultural de professores: o problema da formação prévia e o desafio da ressignificação da cultura”, de autoria de Penaforte Ruchinsque Neto, do curso de Pedagogia, do(a) Faculdade de Educação da UFG. Os trabalhos foram instalados pelo(a) Prof. Dr. Márcio Penna Corte Real com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Prof.a Dr.a Cristina Helou Gomide da FE/UFG, membro 1 e da Prof.a Dr.a Miriam Bianca do Amaral Ribeiro da FE/UFG, membro 2. Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do(a) estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final de 10,00, tendo sido o TCC considerado aprovado.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **PENAFORTE RUCHINSQUE NETO, Discente**, em 19/07/2021, às 02:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Márcio Penna Corte Real, Professor do Magistério Superior**, em 19/07/2021, às 09:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Miriam Bianca Do Amaral Ribeiro, Professora do Magistério Superior**, em 19/07/2021, às 16:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso informando o código verificador **2216731** e o código CRC **88701463**.

Referência: Processo nº 23070.037755/2021-74

SEI nº 2216731

Dedico este trabalho a todos que tiveram paciência para me ensinar e para me compreender, dentre eles, meu marido Breno Augusto de Sousa e sua mãe Adail Luisa de Sousa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, mesmo que eles nunca leiam esse trabalho, mas porque eles me deram oportunidade de ser uma criança que vivia a cultura, que tinha o privilégio de viver o que deveria ser um direito, mas que é negado a maioria das crianças deste país.

Agradeço a família que eu pude escolher, meu marido Breno Augusto de Sousa e sua mãe, minha segunda mãe, Adail Luisa de Sousa. Eles que me estenderam a mão a 16 anos, quando eu não tinha mais ninguém, minha gratidão é eterna.

E ainda aos poucos, mas melhores, amigos que fiz na minha vida. Pois torcem por mim, mesmo sem precisarem.

Nestes quatro anos e meio na Faculdade de Educação da Universidade de Goiás gostaria de agradecer a todos os professores que passaram pela minha jornada, aprendi todos os dias que estivemos juntos e mais ainda nos que estivemos separados, pois entendi a importância de ter um mediador presente, falando comigo de forma presencial.

Aos colegas que passaram pela minha jornada. Mesmo aqueles que ficaram pelo caminho e aqueles que desviaram ou eu fiz desviarem do meu caminho. Nestes anos tive grandes surpresas, amizades que serão eternas e amizades que pareciam ser eternas se desfizeram por divergências nas nossas visões políticas. Viver no Brasil está estranho, mas espero que isso não dure por muito mais tempo.

Tenho sangrado demais,
tenho chorado pra cachorro.
Ano passado eu morri,
Mas esse ano eu não morro.

Belchior

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo destacar a importância de uma formação cultural de professores que proponha ressignificar a cultura na experiência acadêmica dos pedagogos em formação inicial. Pretende-se iniciar uma discussão para que possamos compreender em que medida a formação cultural prévia destes acadêmicos pode determinar suas observações na universidade, visto que o acesso a bens culturais é difícil para grande parcela da população. Nesse caso, entendendo cultura como oportunidades de acesso à informação, lazer e artes, visto que grande parte deles é classe trabalhadora, não lhes restando energia para a vivência de práticas culturais. Aliado a isso, condições materiais desiguais ficam evidentes quando convivemos no cotidiano da Universidade, em específico, no curso de pedagogia da UFG. Pensando nisso, traçou-se o ponto de encontro entre essa cultura pré-universitária e a própria do ensino superior, tendo como base o trabalho de Monique Andries Nogueira (2008), que já dissertou sobre este assunto nesta faculdade em anos anteriores. Analisou-se os documentos norteadores que contribuem para a composição do currículo do curso de pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, com foco na formação cultural. Dentre estes documentos estão o Projeto Político Pedagógico da instituição, as diretrizes curriculares para a formação de professores em vigor e as discussões recentes, entre governo e entidades, que trarão mudanças para a estrutura do currículo deste e de outros cursos de formação de professores. Utilizamos os debates de Adorno, Denis Cuhe e Raymond Williams, que trazem reflexões sobre o conceito de cultura. Raymond Williams em específico, trata de ressignificação. Ao concluir levantam-se questões e possibilidades para que a formação cultural de professores tenha o seu papel ressignificador, respeitando a cultura prévia dos acadêmicos, oportunizando abertura de seu universo cultural para que na universidade sejam apresentados para aquilo que, em outros meios, não teriam acesso e, além disso, desafiando as diretrizes curriculares nacionais.

Palavras-chave: Cultura. Formação cultural. Formação inicial. Pedagogia. Ressignificar.

**CULTURAL TRAINING OF TEACHERS:
THE PROBLEM OF PRIOR TRAINING AND THE CHALLENGE OF RESIGNIFYING
CULTURE**

ABSTRACT

The present end of course assignment aims to highlight the importance of a cultural formation of teachers that proposes to resignifying culture in the academic experience of pedagogues in initial training. It is intended to start a discussion so that we can understand to what extent the previous cultural formation of scholars can determine their observations at the university, since access to cultural goods is difficult for a large portion of the population. In this case, understanding culture as opportunities for access to information, leisure, and arts, since large part and of them are working class, not leaving them energy for the experience of cultural practices. In addition, unequal material conditions are evident when we live in the daily life of the University, in particular, in the pedagogy course of UFG. Thinking about this, the meeting point between this pre-university culture and the higher education culture itself was drawn, based on the work of Monique Andries Nogueira (2008), who has already discussed on this subject in this faculty in previous years. It was analyzed the guide documents that contribute to the composition of the curriculum of the pedagogy course of the Faculty of Education of the Federal University of Goiás, focusing on cultural formation. Among these documents are the Political Pedagogical Project of the institute, the curricular guidelines for the training of teachers in force and recent discussions, between government and entities, which will bring changes to the structure of the curriculum of this and other teacher training courses. We used the debates of Adorno, Denis Cuche and Raymond Williams, which bring reflections on the concept of culture. Raymond Williams in particular, deals with resignification. At the conclusion, questions and possibilities are raised for the cultural formation of teachers to have its resignification role, respecting the previous culture of the academics, enabling the opening of their cultural universe so that in the university they are presented to what, in other ways, they would not have access and, moreover, challenging the national curriculum guidelines.

Keywords: Culture. Cultural formation. Initial training. Pedagogy. Resignify.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1- CULTURA E FORMAÇÃO CULTURAL DE PROFESSORES	13
2- DOCUMENTOS NORTEADORES	18
2.1- DIRETRIZES CURRICULARES PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES	18
2.2- PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO FE/UFG	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS	28

INTRODUÇÃO

O foco deste trabalho de Conclusão de Curso é realizar uma discussão sobre a importância de uma formação cultural de professores que debata o ressignificar de suas noções de cultura durante o curso de pedagogia da Faculdade de Educação (FE), da Universidade Federal de Goiás (UFG). Além disso, durante o desenvolvimento deste trabalho tomamos a arte como uma das formas da cultura que precisam ser observadas no decorrer da formação inicial de professores.

Partindo do entendimento de que a cultura é fator importante para o desenvolvimento da humanidade, pois a cultura está em tudo o que criamos e a criação, como atividade humana, está sempre em movimento; levando em consideração que é ela própria representação do pensamento humano, podemos dizer que ela expressa a realidade das pessoas e envolve os professores em formação, assim como seus futuros educandos.

A cultura é constituidora do processo em que nos identificamos como seres humanos, somos envolvidos por ela nas práticas cotidianas e experiências vividas, antes da formação superior e ela é considerada, neste trabalho, pois é um dos fatores usados para nos posicionarmos em assuntos pertinentes à educação, como, por exemplo, o poder de decisão sobre aquilo que pretendemos fazer no dia a dia de uma sala de aula. A formação de professores, em especial de pedagogos, trazemos aqui, a cultura como um assunto fundamental a ser discutido nas diferentes disciplinas curriculares nos 4 anos de formação dos discentes do curso de pedagogia.

A estrutura do curso de pedagogia da FE/UFG garante, até a escrita deste trabalho, momentos culturais significativos que podem ser desenvolvidos nas diferentes disciplinas que compõem a grade curricular obrigatória e optativa. O professor formador tem liberdade para decidir o que considera importante e culturalmente relevante para a formação dos acadêmicos. Dentro do plano da disciplina ele pode indicar leituras, apreciação de filmes e obras de arte, passeios culturais (entre idas a museus de diferentes tipos, a locais históricos, ou mesmo, ir ao parque fazer um piquenique e escutar música, pois tudo é cultura) etc. A autonomia dos professores, para estas decisões, está garantida nos documentos que norteiam o curso, tanto no âmbito federal quanto nos próprios documentos da instituição.

Acreditamos que é importante ressaltar que traremos a arte como uma das formas da cultura, espelho da realidade que cerca o acadêmico em formação, mas

além disso consideramos que ele está envolto pela arte nas músicas, desenhos, grafites, danças, filmes, novelas etc. um ou outro destes fazem parte do cotidiano da maioria das pessoas. O que ele “lê” destes exemplos é parte de como ele interpreta a sua realidade.

O que cada acadêmico construiu com seus processos de formação cultural até o momento que entra na vida acadêmica deve ser respeitado, mas a universidade deve ampliar esse conhecimento por meio de atividades que o estimule a se engajar e se sentir pertencente ao processo de ressignificação¹. Importante ressaltar, no entanto, que traremos o conceito de ressignificação aqui como o processo pelo qual construímos ou vivenciamos essa cultura em movimento, que no presente expressa coisas que trazemos do passado, mas que também elabora coisas novas.

Nós usaremos as leituras realizadas com e sobre Raymond Williams² (1969, 1979), que discute tanto o conceito de cultura quanto o conceito de ressignificação. Assim, usando as reflexões de Raymond Williams, pode-se dizer que ressignificar significa trazer os resíduos do passado para o momento atual, conforme as necessidades do presente.

Por isso, é importante pensar sobre a formação cultural de professores, tendo em vista o percurso vivido por cada acadêmico, que passa por esta formação de forma subjetiva, mas também coletiva³. A apreciação estética é construída no decorrer da vida, partindo da observação do grupo social que faz parte da realidade daquele indivíduo em formação.

Ter vida acadêmica, realizar um curso, não significa somente se sentar nos bancos da sala de aula ou participar de palestras. Significa andar pelos corredores, trocar debates com os colegas e até mesmo reconhecer o debate realizado em sala de aula no filme assistido no final de semana, ou no hino cantado na escola em que

¹ O que pretendemos aqui é que o acadêmico compreenda o que ele tem construído culturalmente até esse momento e como isso é importante para a sua formação. Resignificar não significa abandonar tudo o que ele teve acesso, mas sim compreender sua trajetória através destes resíduos do passado.

² Quando escolhemos essa discussão foi em função dos debates realizados no grupo de estudos de ciências humanas da FE-UFG, do qual participo a mais de 2 anos, nele trabalhamos com os usos públicos da história, cultura, tradição, residual, emergente e ressignificação. A partir das leituras de Raymond Williams percebemos que a cultura ressignificada, essa que emerge no presente, usa também dos resíduos do passado, conforme as necessidades do hoje. Somente através da educação podemos ressignificar aquilo que foi construído através do convívio social em ambientes tão desiguais. WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Sociedade: 1780-1950**. São Paulo: Editora Nacional, 1969.

³ A trajetória do trabalhador que precisa pegar ônibus todos os dias e que passa por diferentes situações que se constituem como arte/cultura no seu dia a dia é tão formadora quanto daquele que tem oportunidade de ir a um teatro em seu tempo de ócio.

trabalhamos. Essa leitura crítica que fazemos na prática cotidiana, isso sim, é práxis.

É possível, então, começarmos indagando sobre como se dá a formação prévia à universidade, onde o tempo de vivência do lazer de qualidade, da vida das artes ou da brincadeira singela, é tomado pelo tempo do descanso, mostrando como o trabalhador acaba não tendo as mesmas oportunidades de acesso que os mais privilegiados socialmente. Acaba, assim, que o tempo do trabalho, ou sobretrabalho da classe trabalhadora atrapalha o tempo do pensamento, esse mesmo pensamento responsável por produzir cultura. Um exemplo é a falta de incentivo, fora dos meios de educação formal, a passeios culturais de maneira independente, por escolha individual. Você conhece alguém que por livre e espontânea vontade tenha ido conhecer o Museu Antropológico da UFG numa sexta-feira à tarde?

O poder público mantém abertos museus, de diferentes segmentos, mas não promove a visitação, e quando a visitação acontece, muitos deles reproduzem uma visão tecnicista ou positivista de mundo, onde alguns parecem fazer mais coisas que os outros, quando na verdade todos nós somos pensantes e fazemos história. Além disso a cultura está em tudo, não apenas em museus.

O problema, nos parece, é que alguns setores da sociedade se apropriam de certos pensamentos e se dizem representantes deles. Então a cultura parece servir para alguns e não para outros. Se assim acontece, por que alguém que não se sente produtor de cultura ia querer saber de algo que ele não faz parte?

A cultura tem um papel na sociedade, por muitas vezes desvalorizado propositalmente, já que as pessoas mais “cultivadas” afirmam entender melhor a construção do mundo que as cerca. Mas é na Universidade que temos a oportunidade de ressignificar tudo isso, trazendo do passado o que nos é necessário para construir novas noções de produção do conhecimento e cultura, no presente. Pensando na arte como um dos aspectos da cultura, na Universidade temos oportunidade de encontrar mais caminhos para conhecer novas artes, ou até agregar ao mundo acadêmico elementos das formas de vida e das experiências que como alunos temos vivido.

Para isso, a instituição precisa também ela ter um Projeto Político Pedagógico que além de ser consistente para incluir toda a sociedade, também tenha modos para reconhecer que nem todos têm acesso às produções de arte e da cultura, ou até não se vêem como parte da cultura ou da arte produzida, embora sejam. Como formar um futuro professor para dizer para seus alunos que eles têm cultura e têm direito a acesso a produções artísticas, se mesmo ele pode não se sentir como tal?

Assim, coloca-se em destaque aspectos importantes das diretrizes curriculares nacionais para a formação de professores e as pretendidas mudanças nestes documentos. Estas discussões, no momento de escrita deste trabalho, estão sendo feitas através de manifestos escritos e reuniões *online* (*lives*), pois passamos pelo período da pandemia do coronavírus (covid-19)⁴. Este modelo de organização se dá pela preocupação em manter o distanciamento social, que é a forma mais eficiente, de acordo com as autoridades sanitárias, de se evitar a propagação deste vírus.

Por fim, iniciamos uma discussão sobre o currículo do curso de pedagogia da FE/UFG, analisando o Projeto Político Pedagógico (PPP) e as concepções nele citadas sobre a cultura e formação cultural de professores, destacando objetivos sobre estes assuntos traçados pelo próprio documento e o que se é esperado da instituição, dos professores e dos acadêmicos.

Este trabalho é realizado tendo como referência Nogueira (2008), que apresentou sua pesquisa, sobre a formação cultural nesta instituição em anos anteriores, realizada com os acadêmicos em formação inicial e pós-graduação que participavam de suas aulas nesta instituição. Analisamos, como vimos, o PPP (2015) da FE-UFG e as Diretrizes Curriculares Nacionais (2019), além de usarmos três autores que discutem cultura: Adorno (1978), Denis Cuche (1999) e Raymond Williams (1969, 1979), este que também traz o conceito de resignificação.

⁴ No dia 31 de dezembro de 2019, foi identificada em Wuhan, na China, o vírus SARS-CoV2, uma variante do coronavírus que rapidamente começou a se espalhar pelo mundo, primeiramente no continente asiático depois para outros países. Em fevereiro de 2020 foram identificados casos no Irã e Itália que devido ao número de mortes causou um alerta para o resto do mundo (neste período foi identificado o primeiro caso no Brasil). Em março de 2021 a Organização Mundial da Saúde (OMS) definiu o surto da doença como pandemia (neste mesmo mês ocorreu a primeira morte no Brasil). Desde 18 de março de 2020 passamos a manter distanciamento social e redobrar hábitos de higiene pessoal como o uso de álcool em gel e máscara de proteção facial para uso em público. A FE/UFG suspendeu as aulas de acordo com a portaria n° 343, de 17 de março de 2020 do Ministério da Educação (MEC). Passamos por um momento de hiato nas atividades acadêmicas até a retomada de forma remota, com momentos de estudos síncronos e assíncronos. Quando este novo modelo de ensino emergencial foi implementado passamos a viver uma realidade para a qual não estávamos preparados, dificultando nossos momentos de aprendizagem e limitando a pesquisa para meios eletrônicos não presenciais.

1 CULTURA E FORMAÇÃO CULTURAL DE PROFESSORES

Inicialmente é preciso compreender que o termo cultura tem diferentes significados e se transforma através do tempo, espaço e sociedade. Trabalhamos aqui a cultura como uma construção social que abarca os diferentes fazeres sociais humanos, destacando a ideia de Cuche (1999), pois a cultura está intrinsecamente ligada a um sistema que lhe dá sentido:

Cada cultura é dotada de um “estilo” particular que se exprime através da língua, das crenças, dos costumes, também da arte, mas não apenas dessa maneira. Este estilo, este “espírito” próprio a cada cultura influi sobre o comportamento dos indivíduos. (CUCHE, 1999, p.45)

Além disto, entendemos que a cultura tem o papel, muito importante, de ampliar as capacidades humanas, ela é constitutiva das construções sociais, por isso concordamos com Forquin que considera a cultura como o:

[...] conjunto de disposições e das qualidades características do espírito cultivado, isto é, a posse de um amplo leque de conhecimentos e competências cognitivas gerais, uma capacidade de avaliação inteligente e de julgamento pessoal em matéria intelectual e artística, um senso de profundidade temporal das realizações humanas e de poder escapar do mero presente. (FORQUIN, 1993, p.11, apud. NOGUEIRA, 2008, p.22)

Consideramos a cultura como princípio/fundamento que precisa estar presente na formação proposta nos documentos norteadores que regem o curso de pedagogia, sendo componente da formação do futuro professor, pois a cultura influencia todo o repertório de atividades que pode desenvolver em sua práxis e colabora para suas ações como acadêmico e futuro professor. Sendo possível apenas de maneira planejada que se dará através da experiência e prática de uma formação cultural. De acordo com Suanno (2009, p.9665):

A formação cultural é um processo pelo qual o indivíduo se conecta ao mundo da cultura, mundo esse entendido como espaço de diferentes leituras e interpretações da realidade, promovidas pela Arte, nas suas diferentes modalidades e pela Literatura. A arte como forma de conhecimento humano é um meio pelo qual a humanidade tem tentado compreender a realidade.

Segundo Adorno (1996, apud NOGUEIRA, 2008) essa formação cultural acontece por meio do acesso à cultura produzida pela humanidade, mas somente através de uma maneira formal e planejada. Para o autor é a partir disto que podemos

olhar para o passado e entender o que nos constitui como sociedade. Por isso é preciso buscar a formação de educandos, tanto os da educação básica, como os acadêmicos, futuros professores nas universidades, críticos, autônomos, democráticos e livres de preconceitos, dando-lhes oportunidades de acesso a essa cultura que abrange diferentes sentidos.

Os sentidos dados por esta cultura determinam o comportamento em sociedade, que varia em decorrência do tempo, local e condições econômicas. Por isso é preciso considerar, também, que o meio econômico pode desenvolver diferentes comportamentos culturais, pois o poder econômico possibilita diferentes experiências, e esta diferença estará entre os acadêmicos em formação e entre os professores formadores. Existem aqueles que podem viajar o mundo apreendendo e conhecendo mais coisas do que aquele que não tem essa oportunidade. Do mesmo modo de quem nunca saiu de casa também tem cultura e muitas vezes tem conhecimento cultural local muito maior do que o outro. Ambos têm seu valor e são sujeitos de e da cultura.

Entendemos, assim como Nogueira (2008, p.36), que há diferentes tipos de culturas, que têm seus próprios espaços, devem ser respeitadas e não tratadas como antagônicas, “atacar a cultura erudita em nome de uma pretensa defesa da cultura popular é negar às camadas populares o acesso a um patrimônio do qual as elites vêm usufruindo há séculos.” Acreditamos que a arte é universal e, portanto, direito de todos. O acesso a esses diferentes estilos de arte deve ser garantido a quem os queira, não deve ser tomado por um grupo específico, mas sim compartilhado com as diferentes comunidades.

Nogueira (2008, p.41) salienta que não é esperado que o professor, em condições econômicas desfavoráveis “deixe de comer para ir ao cinema”, mas:

Há casos, porém, que indicam que a questão financeira, embora crucial, não seja a única determinante. Por vezes, percebe-se em professores com melhor poder aquisitivo a mesma bagagem cultural limitada de outros, cujos vencimentos são baixíssimos. (...) É necessário admitir que em muitos casos não é a falta de recursos o principal entrave e sim a falta de hábito, a pouca familiarização com os espaços da cultura. Isso mostra, de certa forma, um desconhecimento sobre a importância do papel da cultura na vida de qualquer indivíduo, sobretudo na daquele que se dedica à formação de outras pessoas. (NOGUEIRA, 2008, p. 41)

A autora destaca, neste trecho, os professores em formação continuada, que já recebem remunerações e trabalham na área educacional. Já os professores em formação inicial além de terem menores remunerações, têm menor conhecimento da

importância da cultura, pois ainda estão em processo de formação.

Além disso, parte dos acadêmicos em formação do curso de pedagogia não teve oportunidade de se sensibilizar com a arte, pois, o acesso a diversidade dos meios culturais não está ao alcance de todos. E isto havia sido observado por Nogueira (2008):

Percebi como o processo de desvalorização profissional do magistério era evidente e se concretizava de forma perversa: as experiências culturais de meus alunos/professores eram quase inexistentes. A quantidade de vezes que iam ao cinema ou a um concerto era mínima; livros lidos nos últimos meses, só os escolares; CDs adquiridos, apenas coletâneas de trilhas sonoras de novelas. E, sobre as práticas culturais regionais tais como manifestações folclóricas, poucas referências eram feitas, como se estivessem à margem desse caldo cultural. (NOGUEIRA, 2008, p.13)

Uma hipótese é que parte dos acadêmicos chega à universidade vindos de uma formação escolar que não valoriza a arte e a cultura, principalmente nos últimos anos do ensino médio, em que o foco são as provas e avaliações de desempenho, seja para avaliação institucional ou para avaliação de aprendizagem do próprio estudante. Já na universidade o acadêmico deveria ter acesso a uma formação humana e profissional, mas as habilidades desenvolvidas ficam mais voltadas ao “como dar aulas”. Segundo Nogueira (2008, p. 85):

A universidade brasileira, de forma geral, e a Universidade Federal de Goiás (UFG), em particular, reforça a concepção exposta anteriormente que aponta para uma supervalorização técnica, em detrimento de tudo que envolva subjetividade, sensibilidade e criação cultural.

Para que ocorram mudanças reais na formação cultural de professores, é preciso compreender o motivo de parte deles terem dificuldade em assimilar a cultura como fonte de conhecimento necessária para sua futura práxis pedagógica. Parte dos problemas da formação prévia advém do papel da indústria cultural e das ideias de ordem que ela “inculca”, assim como foi discutido por Adorno (1978, p. 293), onde afirma que estas ideias: “são aceitas sem objeção, sem análise, renunciando a dialética, mesmo quando elas não pertencem substancialmente a nenhum daqueles que estão sob a sua influência.” O autor aponta que a indústria cultural⁵ é responsável

⁵ O conceito de indústria cultural se refere à ideia de produção em massa, como nas indústrias ou fábricas, técnica utilizada pelo sistema capitalista, que passou a ser usado também nas produções artística. Assim, essas produções passam a ter como objetivos o lucro e a manutenção do pensamento ou ideologia dominante.

por construir uma ideologia que substitui a consciência pelo conformismo. Ela dita o que pertence culturalmente aos diferentes sujeitos em sociedade. Além disso, Adorno (1978, p. 293) destaca que a indústria cultural:

Pretendendo ser o guia dos perplexos, e apresentando-lhes de maneira enganadora os conflitos que eles devem confundir com os seus, a indústria cultural só na aparência os resolve, pois não lhe seria possível resolvê-los em suas próprias vidas. Nos produtos dessa indústria, os homens só enfrentam dificuldades a fim de poderem safar-se ilesos – na maior parte dos casos, com a ajuda de agentes da coletividade benévola, para aderir, numa vã harmonia, com essa generalidade que eles já deveriam ter reconhecido como incompatível com seus próprios interesses.

Além da dificuldade de acesso a bens culturais diversificados antes do ingresso ao ensino superior, o acadêmico se encontra enraizado nesta influência, que, segundo Adorno (1978, p. 294) tem como objetivo a: “Dependência e servidão dos homens, objetivo último da indústria cultural [...]”. Sendo essa influência forte a tal ponto que:

Ela impede a formação de indivíduos autônomos, independentes, capazes de julgar e de decidir conscientemente. Mas estes constituem, contudo, a condição prévia de uma sociedade democrática, que não se poderia salvar e desabrochar senão através de homens não tutelados. Se as massas são injustamente difamadas do alto como tais, é também a própria indústria cultural que as transforma nas massas que ela depois despreza, e impede de atingir a emancipação, para qual os próprios homens estariam tão maduros quanto as forças produtivas da época o permitiriam. (ADORNO, 1978, p. 294)

Por isso, entendemos que é preciso ressignificar a cultura na formação universitária, e tomamos o conceito de cultura de Raymond Williams como passo inicial para este objetivo. De acordo com Azevedo (2017) este pensador britânico considera que a cultura não apenas reproduz a sociedade como a “arte que imita a vida”, mas a arte, e a cultura, ajudam também a produzir realidade, então, a cultura é um processo de reprodução e produção da realidade. Além disso, segundo este autor, para Raymond Williams, a linguagem tem o papel de mostrar as forças sociais formadoras deste processo, pois os signos envolvidos na comunicação transportam as relações sociais e os usos sociais da linguagem, a considerando como a consciência prática.

Assim, acontece o nascimento dos estudos culturais, quando Raymond Williams traz o conceito de materialismo cultural, que é uma teoria da cultura como um processo produtivo, material e social e das práticas específicas, as “artes”, como usos sociais de meios materiais de produção, a linguagem como consciência prática às tecnologias específicas da escrita e de formas da escrita, passando pelos sistemas

eletrônicos e mecânicos de comunicação. Assim como construímos cultura somos construídos por ela através de diferentes fontes.

Neste sentido, é preciso compreender que não se pode entender a arte sem entender a sociedade, assim como não podemos entender a sociedade sem entender a arte, pois arte e sociedade são manifestações diferentes de um mesmo impulso, ou seja, o significado e os valores de ambas são sociais, e a sociedade é a prática destes valores e significados.

Por isso, Alencar (2014) explica que, para Raymond Williams, não é possível entender um projeto artístico ou intelectual sem entender também a sua formação. Ainda, segundo o autor, estudos de cultura não lidam com uma formação da qual um determinado projeto é um exemplo ilustrativo, nem como um projeto que poderia ser relacionado a uma formação entendida como seu contexto ou pano de fundo. O projeto e a formação nesse sentido são maneiras diferentes de materialização, maneiras diferentes, então de descrição, do que é de fato uma disposição comum de energia e de direção. Esta foi, segundo este autor, a invenção teórica crucial, a recusa de se dar prioridade ou para o projeto ou para a formação, ou, usando termos mais antigos, a arte ou a sociedade, ambas se completam e se constroem.

Então, é preciso construir momentos significativos e ressignificados na formação de professores, para que seja possível ultrapassar os prováveis problemas de sua formação cultural prévia, segundo Suanno (2009, p.9657):

[...] na formação de professores, é importante construir momentos de experiência estética capazes de estimular a apreciação da arte e da literatura, bem como a construção do hábito de se estabelecer contato com a cultura local e a cultural universal. Desta forma, torna-se importante e possível a busca de caminhos que possibilitem a aproximação de diferentes linguagens, visando a que o professor se torne um apreciador, se enriqueça no deleite da cultura, compreendendo arte como conhecimento e emoção.

A educação deve ter o papel de garantir o acesso a uma formação cultural crítica que contribua para a formação humana dos indivíduos que passam por estes processos, garantindo acesso para todos aos diferentes bens culturais construídos pela humanidade, disponíveis em diferentes meios, seja em museus de arte ou históricos, teatros ou cinemas, shows musicais, apresentações públicas etc. Para Suanno (2009, p.9658):

Assim entendendo, destacamos, neste artigo, a relevância de se valorizar, na formação de professores, que esses possam ampliar seus referenciais

culturais. Para tanto, além da criação de oportunidades – leituras, filmes, museus, teatro, espetáculos, shows, pesquisas, seminários etc. – é indispensável a reflexão com os docentes acerca da importância da cultura na vida e formação das pessoas e dos profissionais.

A partir da problematização apresentada acima, é preciso pensar sobre o papel da formação inicial de professores em um curso de pedagogia, pois é necessário proporcionar momentos que supram necessidades culturais, para que seja possível ressignificar suas concepções construídas antes da universidade. Essa formação colabora para que na universidade os acadêmicos tenham acesso a uma capacitação menos técnica e mais humana, sendo assim, transformadora da realidade.

2 DOCUMENTOS NORTEADORES

2.1- DIRETRIZES CURRICULARES PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Tomada como prioridade para o atual governo está a resolução nº2, de 20 de dezembro de 2019, do Conselho Nacional de Educação (CNE), do Ministério da Educação (MEC), que constrói as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para a formação inicial em nível superior de professores para a educação básica e institui a Base Nacional Comum para a formação inicial de professores da educação básica (BNC-Formação).

Este documento é concebido para a implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) da Educação Básica, a tornando base, também, para a formação docente. Segundo o Art. 2º:

A formação docente pressupõe o desenvolvimento, pelo licenciando, das competências gerais previstas na BNCC-Educação Básica, bem como das aprendizagens essenciais a serem garantidas aos estudantes, quanto aos aspectos intelectual, físico, cultural, social e emocional de sua formação, tendo como perspectiva o desenvolvimento pleno das pessoas, visando à Educação Integral.

As DCN indicam que os acadêmicos em formação devem compreender as competências previstas na BNCC, tomando este documento como uma cartilha a ser seguida, sem considerar os acadêmicos em formação como sujeitos pensantes, capazes de tomar suas próprias decisões na futura práxis de sua profissão. Mesmo a BNCC tendo recebido várias críticas de estudiosos da educação, o CNE o acolhe

como fonte essencial para a formação de professores.

Além disso, existem outras discussões sobre este documento (DCN) responsabilizar o próprio acadêmico pelo seu desenvolvimento profissional e intelectual, isentando as instituições desta função, a formação continuada passa a ser de responsabilidade do próprio professor, que por ser trabalhador poderá não ter acesso a formação continuada por diversos fatores, dentre eles as faltas de tempo, dinheiro, oportunidade etc.

Outra discussão em andamento é a volta do esquema de formação 3 mais 1, ou seja, três anos de formação mais técnica/didática e um ano de formação específica, que impactará na formação cultural que já explicamos anteriormente ser importante para o trabalho docente e para a futura práxis do acadêmico em formação. Se renunciarmos à formação humana e cultural dos cursos de formação de professores poderemos correr o risco de seguir as cartilhas apresentadas pelas instituições e pelo estado de maneira não crítica.

Apesar destas mudanças em discussão podemos destacar algumas informações relevantes sobre cultura e formação cultural presentes neste documento. As DCN apresentam em seu Art. 6º (BRASIL, 2019, p.3) alguns princípios relevantes, entre eles:

- IX – a compreensão dos docentes como agentes formadores de conhecimento e cultura e, como tal, da necessidade de seu acesso permanente a conhecimentos, informações, vivência e atualização cultural;
- X – a liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte, o saber e o pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas.

Estes princípios devem ser destacados na formulação dos próximos documentos para formação de professores, mas, ao mesmo tempo, ele limita ao colocar a BNCC como base fundamental da formação de professores. Sem uma formação cultural o acadêmico poderá não ter acesso à cultura de forma ampla, de tal modo que consiga ampliar seu repertório e ressignificar a cultura vivenciada no seu cotidiano, isso é necessário para que futuramente alcance seus estudantes, desenvolvendo suas potencialidades culturais.

De acordo com as DCN a organização curricular dos cursos superiores para formação docente terá que estar em consonância com as aprendizagens prescritas na BNCC. Em seu Art. 7º um dos princípios norteadores é: “XIV - adoção de uma perspectiva intercultural de valorização da história, da cultura e das artes nacionais,

bem como das contribuições das etnias que constituem a nacionalidade brasileira.” (BRASIL, 2019, p.5). A adoção deste princípio exclui qualquer forma de cultura regional, considerando a cultura nacional como superior, ou mais importante, sendo que alguns acadêmicos não têm oportunidade de acesso nem a cultura local, que está próxima a sua realidade. Desse modo, é fundamental que as experiências culturais cotidianas sejam reconhecidas e agregadas às práticas culturais que emergem no mundo acadêmico, levando em consideração o micro como elemento importante de composição do macro.

Ao mesmo tempo o documento é contraditório, pois no anexo BNC-Formação o documento apresenta entre as competências gerais:

3. Valorizar e incentivar as diversas manifestações artísticas e culturais, tanto locais quanto mundiais, e a participação em práticas diversificadas da produção artístico-cultural para que o estudante possa ampliar seu repertório cultural. [...]

9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza, para promover ambiente colaborativo nos locais de aprendizagem. (BRASIL, 2019, p.13)

Enquanto supervaloriza a “cultura nacional”, incentiva a valorização de manifestações artísticas e culturais locais e mundiais, visando evitar preconceitos nos locais de aprendizagem, mas se a formação precisa seguir a BNCC pode não haver tempo para que essas competências sejam contempladas, visto que este documento é extenso e complexo, podendo gerar confusão na formulação dos currículos dos cursos de formação de professores.

Diferentes entidades têm discutido a formulação deste documento, entre estas discussões está a *live*: Curso de Pedagogia: retrocessos e desmontes pelo CNE (acesso em 10 de abril 2021), organizado pela ANFOPE (Associação Nacional pela Formação dos Professores da Educação) e FORUMDIR (Fórum Nacional de Diretores de Faculdades / Centros / Departamentos de Educação ou Equivalentes das Universidades Públicas Brasileiras), para o mês de alerta e mobilização em defesa do curso de pedagogia, realizada no dia 05 de abril do ano de 2021.

A professora Geovana Melo, representante do FORUMDIR e professora da UFU (Universidade Federal de Uberlândia) destacou durante a *live* que este documento é um retrocesso a concepção progressista, sócio-histórica da educação e

se demonstra como um projeto conservador que formará trabalhadores servis, produtivos e sintonizados com as necessidades do mercado, com uma forte influência liberal e tecnicista.

A professora destacou, ainda, que esta reforma se fez sem uma audiência pública para um debate democrático, mesmo o CNE sendo cobrado pelas entidades. Ela ressalta que em fevereiro de 2020 foi realizada uma reunião com algumas entidades, mas que não foram apresentadas pautas relevantes, e que os conselheiros culpam um “fracasso” da educação básica na formação inicial de professores e em seu currículo “generalista”. Ela cita, ainda, que o que é proposto é uma subordinação das Faculdades de Educação à BNCC.

Outra convidada, da mesma *live*, foi a professora Suzane Gonçalves, representante da ANFOPE e professora na FURG (Universidade Federal do Rio Grande), que reafirmou que a reunião com o CNE não contava com ampla participação das entidades. Ela afirma que compreende a identidade do curso de pedagogia do mesmo modo que o PPP da FE/UFG, ou seja, um curso baseado na docência, uma licenciatura plena, formando professores com fundamentação teórica que colaboram para uma visão crítica da educação. Ela afirma que o documento quer alterar a formação em pedagogia para cursos multidisciplinares, Educação Infantil, anos iniciais do Ensino Básico e gestão, este último com mais observações, pois os conselheiros do CNE ainda não sabem como poderiam organizá-lo.

É perceptível a pretensão de uma fragmentação do curso de pedagogia, abrindo espaço para uma formação tecnicista que valoriza os saberes especificados na BNCC. Consequentemente haverá uma diminuição na formação teórica necessária para uma visão crítica da sociedade. A formação cultural, tão importante para a práxis pedagógica ficaria em um segundo plano. Por isso há a necessidade da defesa do curso de pedagogia no Brasil. Precisamos estar atentos a estas pretendidas mudanças e esperamos que este governo passe, assim como seu projeto liberal que, como vimos, pretende vendar os acadêmicos em formação, os futuros acadêmicos e professores.

É importante salientar que a política liberal, em específico, a neoliberal, não é de um Governo, é de uma sucessão de governos, política essa que vem se consolidando a vários anos em diferentes governos. Então a BNCC evidencia essas tendências neoliberais pois vem sendo construída a diferentes mãos nestes vários governos.

2.2- PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO FE/UFG

A atual proposta na formação do curso de pedagogia da FE/UFG está presente em seu Projeto Político Pedagógico (PPP). Este é o documento que apresenta a proposta educacional e as concepções de ensino e de formação de professores da instituição, antes da implementação das DCN. Através dele são norteados os planos de ensino das diferentes disciplinas que fazem parte do currículo dos cursos oferecidos por esta instituição. Segundo o próprio documento:

O presente Projeto Pedagógico do Curso de Pedagogia resultou de um conjunto de debates, análises e reflexões realizado por professores e estudantes no âmbito da Faculdade de Educação. Representa o esforço que a Faculdade de Educação tem feito para estabelecer um processo contínuo de avaliação de sua atuação na formação de professores, em especial no Curso de Pedagogia, com o grau acadêmico de Licenciatura em Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental. (FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UFG, 2015, p.3)

Tendo acesso a este documento é possível compreender qual a ideia de cultura e formação cultural pretendida pela instituição. Assim, no PPP do curso de pedagogia na FE/UFG, é apresentado a importância da compreensão de variados conceitos, incluindo o de cultura:

A Faculdade de Educação da UFG implementou, então, ações com o objetivo de criar novas modalidades de formação, mantendo sua opção política de centrar a identidade do curso de Pedagogia na docência. Nesse sentido, enfatizou a opção de formar professores para atuarem na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, de modo que possam educador e educando compreender de forma crítica, rigorosa e radical o homem, a sociedade, a cultura, a educação, a escola e o saber, não como realidades separadas e autônomas, mas como dimensões inter-relacionadas da totalidade; e com base nesse entendimento que possam atuar e intervir, transformando e recriando a realidade e a escola. (FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UFG, 2015, p.7)

A FE/UFG posiciona o curso de pedagogia como uma licenciatura plena *lócus* de uma formação de professores, ou seja, tem a identidade do curso na docência e forma os profissionais que estarão habilitados para a educação infantil e primeiros anos do ensino fundamental. Além disso, tem a função de ensinar sobre a cultura, o homem e a sociedade de maneira clara e inseparáveis. Com estes conhecimentos o futuro professor poderá exercer diferentes funções na instituição de ensino, da educação em si a gestão escolar.

A educação tem tido a função de dinamizar, na forma de ensino, os saberes construídos pelo homem, as habilidades adquiridas e a cultura. Esta última está ligada a educação de tal maneira que é preciso destacar a importância de uma formação cultural, sendo que “a formação nada mais é que a cultura tomada pelo lado de sua apropriação subjetiva” (ADORNO, 1996, p. 389 apud. NOGUEIRA, 2008, p. 25).

O PPP FE/UFG (2015) no curso de pedagogia propõe uma formação que garanta o aprendizado e a profissionalização, e por isso pretende formar professores que entendam as relações entre educação e sociedade, compreendendo sua realidade sócio-histórico-cultural. Por isso, segundo o PPP (FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UFG, 2015, p. 11):

A educação é uma prática sociocultural e, portanto, inseparável das humanidades, sobretudo da filosofia, das artes, das letras e das ciências. O trabalho de formação do pedagogo para atuar na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental implica a formação de docentes formadores de sujeitos da cultura, de seres autônomos, críticos e criativos.

Além disso, o mesmo documento salienta que tem como finalidade proporcionar (FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UFG, 2015, p.13):

- a. a reflexão entendida como compreensão crítica e rigorosa, do sentido e da gênese da esfera da existência humana, social e pessoal, da esfera da cultura, da educação, da escola e do saber;
- b. a criação cultural e a formação de docentes e discentes como sujeitos da cultura;

O documento considera a cultura como base para uma formação humana, e que, além disso, é essencial pensá-la como construção social que colabora para o desenvolvimento da humanidade, representa as características da sociedade como reflexo da realidade e, por isso, é essencial sua presença para a formação de pedagogos.

A instituição precisa compreender o que o acadêmico tem construído sobre cultura antes de sua formação, respeitando seu conhecimento prévio e o preparando para a formação cultural que se pretende apresentar na universidade, livre de preconceitos e humana. Mas além disso é preciso reconhecê-lo como trabalhador (em sua maior parte) que muitas vezes não tem tempo para desfrutar de um momento formativo no campo das artes, diversificado quando fora do ambiente acadêmico.

Quando os sujeitos chegam à universidade podem não ter uma ideia construída sobre a importância deste tema para sua formação como futuros pedagogos. Como

dito anteriormente, a possível hipótese é o problema da formação prévia à universidade, justamente pela falta de acesso, para todos, a espaços de arte, mas também por não se sentirem pertencentes e construtores da cultura. Cinemas, galerias, teatros etc., são locais frequentados, muitas vezes, por pessoas privilegiadas, então o significado construído sobre a importância da cultura se dá por aquilo não estar ao seu alcance. Por isso a universidade precisa criar oportunidades de acesso a produção de conhecimentos culturais de modo a criar espaços para que de fato os alunos ressignifiquem suas vidas e suas práticas culturais. Nesse sentido, há a necessidade de construir estes momentos para que na universidade existam experiências estéticas ressignificadas a partir de novas necessidades obtidas durante o curso de graduação, mas sem que as práticas culturais do passado, suas vivências e experiências sejam totalmente largadas de lado. Assim, essa cultura, então ressignificada, comporá suas vidas para que possam ligá-la a sua futura prática pedagógica.

Ainda no PPP FE/UFG (2015), entre seus objetivos específicos consta: “b. compreensão do universo da cultura e da produção do saber e a inserção crítica dos alunos nesse universo;” (FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UFG, 2015, P. 11). Então, são necessárias ações práticas para que os acadêmicos atinjam estes objetivos. O espaço para a formação cultural de professores, no currículo do curso de pedagogia, deve ser garantido e, além disso, a prática formadora deve instigar ou até mesmo ensinar o motivo para se valorizar a cultura, ressignificando os conceitos criados pelos acadêmicos em formação.

Em suma, o documento apresenta fundamentação para uma formação cultural que seja ressignificada, mas tende a continuar com um problema, visto que, é necessário considerar as condições dos alunos que em grande parte, são trabalhadores cujo tempo do ócio é mais restrito. Como acadêmico deste curso, vivi as intenções deste documento na prática, percebi que, em algumas disciplinas, os docentes têm uma preocupação do “como” os acadêmicos visitariam uma galeria de arte e desenvolveriam um projeto ou relatório, mas em outras, eles só informavam que era preciso ir a um museu e fazer um relatório. Acreditamos que o segundo exemplo não colabora para o desenvolvimento da cultura ressignificada, que é o que acreditamos ser o ideal necessário para a formação cultural de professores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha da discussão sobre a formação cultural de professores no curso de pedagogia da FE/UFG, se deu pela vivência no ambiente acadêmico e em observações pessoais sobre o tempo vivido dentro da universidade e como sem perceber somos formados culturalmente antes do ingresso nela. Vivendo a FE podemos nos identificar como sujeitos da cultura e produtores dela, por isso analisamos os conceitos, sobre o assunto, que são trabalhados durante essa formação. Além disso analisamos os documentos que, até este momento, permitem que esta vivência seja realizada.

Existe a necessidade de uma formação que abra espaço para que seja ressignificada a cultura, na qual os acadêmicos tenham a possibilidade de aprender e viver a cultura, expressa nas mais diversificadas formas de arte, tais como cinema, literatura, teatro ou música. Sobretudo a partir das bases oferecidas na universidade, e que tenham lhe estimulado a novos caminhos, mesmo sem descartar suas experiências no passado. É preciso que sejam estimulados a desenvolver seus sentimentos de humanidade, compreendendo o que a cultura construiu neles como seres sociais. Esta formação pode contribuir para a construção de uma consciência da realidade que cerca cada sujeito, como nós vimos.

Estudar sobre os problemas dessa formação cultural, especificamente dos futuros professores/pedagogos da FE/UFG poderá contribuir, ainda, para as reflexões sobre o currículo e os processos de formação desses profissionais da educação. Podemos concluir que a formação cultural tem sido negligenciada, em todos os níveis da educação, os documentos registram sua importância, mas as ações não atingem suas metas totalmente porque as condições materiais dos alunos às vezes não ajudam muito à vivência de novas práticas culturais.

Isso porque, em geral, o acadêmico chega à universidade sem entender a importância de ter uma formação cultural, visto que não compreende o papel da cultura no trabalho que pretende realizar após essa formação. A instituição deve levar em consideração o que foi construído socialmente até a entrada do aluno na Universidade, o que ele entende sobre cultura e como ele chega na Instituição com ideias muito rígidas. Mas também não podemos esquecer que estamos sempre em formação.

Além disso, é preciso pensar ferramentas que consigam transformar os

conceitos e ideias construídos sobre a arte e a cultura antes do ingresso a universidade, os ressignificando. Antes da formação intelectual é bastante comum que o olhar de senso comum para as coisas, o cotidiano, a própria cultura, fizesse com que eles atribuísem juízo de valor, mas a Universidade é espaço para acabar com esse tipo de interpretação, e é através da educação e da formação cultural sendo ressignificada que isso tem a possibilidade de mudar.

Os documentos estudados, além de base para elaboração dos currículos, apresentam a cultura como importante fator na formação, sendo ela responsável até mesmo pelo sucesso acadêmico. Já os acadêmicos são compreendidos como sujeitos de cultura que formarão outros sujeitos de cultura, por isso apresenta um currículo que busca a formação cultural, mas que não consegue ultrapassar as barreiras da formação prévia, da indústria cultural e do acesso universal aos bens culturais da humanidade. Ou seja, a grande dificuldade que nos parece apresentar é que embora tenhamos elementos para a desconstrução do senso comum é um caminho difícil, já que a vida dos alunos que chegam é turbulenta, e a entrada na academia representa uma conquista, mas que no cotidiano ainda é difícil de ser vivenciado.

Compreender a cultura como um processo social indissociável da “arte” permitirá ao acadêmico ter uma visão diferente de mundo, uma leitura da realidade e das possibilidades de mudança desta. Considero que essa compreensão colabora para que possamos compreender ideias e modos de vida, assim como aponta Williams (1969), existem ideias, e modos de pensar, que contém sementes de vida dentro deles, e há outros, enraizados em nossas mentes, com as sementes de uma morte geral. O nosso sucesso em reconhecer esses tipos pode ser literalmente a medida do nosso futuro.

O futuro que nós teremos depende de distinguirmos essas duas sementes, e só através da cultura ressignificada isso é possível. A cultura ajudará na distinção destas sementes, pois, é preciso entender a linguagem que é apresentada pelas sementes da morte, essas ideias não se dizem explicitamente da semente da morte, é necessário entendimento para isso, perceber que elas são aquelas que levam ao ódio, a separação e a destruição. Reconhecer, também, que as ideias que nos levam para a semente da vida são aquelas que o caminho para o futuro é mais solidário e justo.

Por isso, com este trabalho, busquei uma maneira de pensar a cultura e a formação cultural para além dos documentos, para a realização de ações que

aproximem os acadêmicos da cultura e da arte, intensificando essa relação, e estimulando-os a construir novas, ainda que os resíduos de experiências passadas sejam trazidos no presente a partir das necessidades desse presente, que após a realização do curso na Universidade, tendem a mudar e se ampliar. Esse debate não é fácil e esse trabalho é só o começo. É através da cultura que poderemos nos relacionar com a nossa situação sócio-histórica, e a partir daí transformar a realidade. Arte e realidade se fazem presentes na cultura em suas diferentes vertentes se construindo, se relacionando e se completando. Esperamos que tempos melhores nos permitam caminhar para um lugar menos turbulento.

Terminamos certos de que o que trouxemos sobre as condições cotidianas dos alunos não são unânimes, e que não saímos iguais a quando adentramos na Universidade. Sem dúvida mudanças acontecem, mas os desafios para que isso ocorra ainda são muitos e o reconhecimento das dificuldades é o primeiro passo para pensarmos na cultura como elemento importante daquele que atuará em sala de aula. É por isso que com mais tempo, maturidade e em melhor situação, espero dar continuidade a essa discussão.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. Televisão, consciência e indústria cultural. In: COHN, Gabriel (Org.). **Comunicação e indústria cultural**. 4. ed. São Paulo: Nacional, 1978.

ALENCAR, T. R. **Raymond Williams e o Materialismo Cultural**. Revista Anima, Ano 4, nº 5, 2014, p. 104-119.

ANFOPE, FORUMDIR. Mês de alerta e mobilização em defesa do curso de pedagogia – Curso de Pedagogia: retrocessos e desmontes pelo CNE. 2021. Disponível em: <https://youtu.be/f4WvNhUyrkc>. Acesso em: 1 de abr. de 2021.

AZEVEDO, F. P. **O Conceito de Cultura em Raymond Williams**. Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade (RICS), São Luís, Vol. 3, 2017, p. 205-224.

BRASIL. **Resolução CNE/CP2/2019** - Define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial de Professores para a Educação Básica e institui a Base Nacional Comum para a Formação Inicial de Professores da Educação Básica (BNC-Formação). Brasília: MEC, 2019. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2019-pdf/135951-rcp002-19/file>. Acesso em: 18 mar. 2021.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

NOGUEIRA, Monique Andries. **A formação cultural de professores ou a arte da fuga**. Goiânia: Editora da UFG, 2008.

SUANNO, Marilza Vanessa Rosa. Formação cultural de professores: conhecimento e sentipensar. In: IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE – III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia. Curitiba. **Comunicação Oral**. 2009. p. 9654 – 9667.

UFG, Faculdade de Educação. **Projeto Político Pedagógico**. Goiânia, 2015.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Sociedade: 1780-1950**. São Paulo: Editora Nacional, 1969.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.